

MANUEL BANDEIRA E CÂNTICO DOS CÂNTICOS: A SENSUALIDADE DO CORPO FEMININO

Angela M. Pelizer de Arruda
Doutora, Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina.
Docente Adjunta pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
E-mail: angelapelizer@gmail.com

Resumo:

O corpo feminino foi e ainda é inspiração para muitos poetas ao longo da história. Além disso, a sensualidade é claramente alvo de muitos artistas. Este trabalho pretende fazer um estudo comparativo entre versos do texto bíblico Cântico dos Cânticos e alguns dos poemas eróticos do poeta modernista brasileiro Manuel Bandeira. Para tanto, a metodologia utilizada será a leitura do corpus ficcional a partir de análise empírica e transversalidade com teorias próprias da literatura e da teologia. A partir daí busca-se mostrar algumas similaridades (vocabulário, intertextualidade, sensualidade do corpo feminino, entre outros) e divergências (contexto de produção, cultural, etc.) entre os poemas analisados.

Palavras-chave: Sensualidade. Corpo feminino. Manuel Bandeira. Cântico dos Cânticos

Introdução

A sensualidade feminina foi sempre alvo de observação de muitos poetas e escritores desde as primeiras manifestações artísticas. É possível observar em pinturas como “O nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli (1483), “Mulher com papagaio”, de Gustave Courbet (1866) e a própria “Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci (1503-1506). Além de esculturas como a “Vênus de Millus” de autoria desconhecida e encontrada na ilha de Milo em 1820 ou “Afrodite”, esculpida por Praxíteles (a.C. 37-330).

Na literatura, a inspiração não foi diferente. Muitos são os exemplos de textos literários destinados à exaltação do corpo da mulher, ora como um ser intocável e inatingível, como no Romantismo (Séc. XVIII – XIX) ou como aquela que se dá o direito de sentir prazer carnal, como acontece a partir do Realismo (séc. XIX-XX) ou ainda como aquela que se descobre e ganha voz, inclusive da sua própria sensualidade a partir do Modernismo (séc. XX).

Este trabalho faz parte de um grupo de estudo (ainda em fase inicial) na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, cujo objetivo é estudar as possibilidades de diálogos entre a Teologia e a Literatura. Dessa forma, muitos textos bíblicos são

estudados pela ótica literária bem como há uma busca por textos e autores literários que carregam consigo as influências religiosas até numa espécie de intertextualidade entre as duas esferas de expressão e estudo.

O artigo aqui proposto busca apresentar dois textos distintos, mas com alguns itens em comum: a poesia sensual de Manuel Bandeira e alguns versículos do texto bíblico “Cântico dos Cânticos”. Em comparação, podemos, já à primeira vista, perceber o alto padrão poético e um marcante apelo à sensualidade feminina.

Assim, apresentaremos neste artigo, primeiramente uma breve reflexão acerca da sensualidade corpórea feminina. Em seguida, tomaremos a pessoa do poeta Manuel Bandeira e seu estilo literário e, por fim, avançaremos para uma pequena análise dos dois textos aqui propostos, levando em consideração seu contexto de produção e de uso, objetivando destacar suas semelhanças e divergências e, acima de tudo, a riqueza poética dos dois poemas.

1 Sensualidade feminina: breves considerações

Segundo o dicionário Priberam, sensualidade é a qualidade de quem é sensual. O termo também é relacionado à sexualidade, à volúpia e à luxúria. A sensualidade é despertada pelos cinco sentidos naturais do ser humano. O corpo notadamente provoca e ativa a percepção sensorial de diversos fenômenos. Entre eles está a admiração e o desejo pelo corpo de outra pessoa.

A sensualidade está ligada ao erotismo. Este, por sua vez, se refere a um conjunto de expressões culturais artísticas humanas referentes ao sexo. A palavra “erótico” provém do grego ‘erotikós’, referindo-se ao amor sensual e à poesia de amor. Platão, em *O banquete* utiliza pela primeira vez o termo para se referir a Eros, deusa do amor. Assim, erótico deriva de Eros, o amor apaixonado, com desejo e atração sensual.

O fato de até meados do século passado, a expressão verbal era salvaguardada quase que exclusivamente ao homem, a mulher e sua corporeidade foram alvos de observação, admiração e desejo, como um objeto de inspiração das várias áreas (literatura, propagandas, discursos, teatros, conversas informais, etc.).

Zolin (2002, p.20) corrobora com esta afirmação demonstrando o quanto a mulher foi apenas objeto dos olhares aguçados masculinos: “segundo a crítica feminista é, sobretudo, a literatura de autoria masculina que tem, ao longo do tempo, representado o emparedamento da mulher nesse silêncio”.

É claro que, ao longo dos séculos, a sensualidade feminina foi ganhando contornos diferentes, já que a literatura representa o pensamento de uma cultura, de uma sociedade. Na idade clássica, por exemplo, a sensualidade feminina, ou o prazer sexual provocado pela mulher era reservado às concubinas. As mulheres “de bem” deveriam dedicar-se aos afazeres domésticos. Na idade média, as mulheres eram consideradas de pouca inteligência e de uma tendência excessiva ao pecado sexual. Por isso deveriam ficar sob a tutela dos maridos.

No início do século XII, no período conhecido como Trovadorismo, a mulher começa a ser admirada pelos trovadores até como alguém inatingível. No Barroco, a graciosidade da mulher é evidenciada. Seu corpo foi homenageado por meio dos seus atributos de beleza. Paradoxalmente, foi um período em que a sátira tomou conta das inspirações de alguns poetas para zombar da natureza e do corpo feminino. Gregório de Matos foi um grande nome na poesia satírica desta época.

O arcadismo foi marcado por uma poesia em que a mulher era um ser superior, inatingível. Essa visão se intensificou no Romantismo, em que a sensualidade feminina era apenas objeto de observação e de admiração platônica. Já o Realismo traz a figura “real” da mulher, aproximando-a do cotidiano. Por outro lado, as obras trazem a sensualidade feminina como provocadora de adultério e relações extraconjugais.

O Modernismo, com seu afã de apresentar o novo, traz nova roupagem para a sensualidade feminina, dando-lhe voz e vez. Com a poesia de Manuel Bandeira, fomos inseridos no então denominado *erotismo poético*, que apresentava a sensualidade feminina como fonte de desejo carnal. Ao longo de todo o período modernista também foi inserida a poesia espiritualista, intimista e reflexiva.

2 Manuel Bandeira: um poeta erótico

Manuel Bandeira (1886-1968), autor de uma singular poesia que versa sobre temáticas variadas de infinitas formas com tons de “um lirismo confidencial, autor-irônico” (BOSI, s/d, p. 409) representa com autenticidade a proposta modernista. Em um momento mais maduro de sua escrita, dedica-se a escrever poemets eróticos. Poemas elegantes, refinados. Ledo Ivo aponta os motivos da escolha do poeta por esse poema:

Não foi apenas uma experiência literária acumulada em anos de solidão que trouxe Manuel Bandeira, quando a mudança do gosto poético o revelou a um país do qual ele era um dos seus poetas, ao cantar a infância na Rua do Sabão, a Lapa. Foi (e eu diria até

principalmente) a sua experiência amorosa, o seu sofrimento e alegria de homem, a visão erótico/sentimental que o acompanhou até os dias finais. [...]Ele sempre se vangloriava, menos com as palavras do que com uma certa maneira de sorrir e silenciar, de possuir uma saúde sexual que muito jovem haveria de invejar.[...] Fiel a Camões e aos grandes líricos peninsulares, conhecedor profundo de toda a retórica tradicional, Bandeira considerava aleijados do ouvido os poetas incapazes de produzir uma peça rimada e metrificada (IVO, 1976, p. 88-89).

É possível considerarmos essas duas experiências como fundamentais para sua poesia erótica: a amorosa e a literatura clássica. Por isso, podemos encontrar em um mesmo poema o erotismo carnal, o desejo ardente pela mulher e a beleza dos versos bem escolhidos, ritmados e envolventes como numa relação amorosa.

3 Cântico dos Cânticos: a sensualidade do corpo feminino

Para discutirmos sobre a sensualidade corpórea feminina traremos o primeiro capítulo do texto bíblico “Cântico dos Cânticos” e o poema de mesmo nome do autor Manuel Bandeira.

1. Cântico dos cânticos

1 [O cântico dos cânticos. De Salomão.] “Que ele me beije”

Ela: 2 Que ele me beije com os beijos de sua boca! São melhores que o vinho teus amores, 3 como a fragrância dos teus refinados perfumes. Como perfume derramado é o teu nome, por isso as adolescentes enamoram-se de ti. 4 Leva-me atrás de ti. Corramos! Que o rei me introduza nos seus aposentos: exultemos e alegrem-nos contigo, celebrando teus amores, melhores que o vinho. Com razão elas te amam. 5 Sou morena, sou formosa, mulheres de Jerusalém, como as tendas de Cedar, como os tapetes de Salmá. 6 Não me olheis com desdém, por eu ser morena, pois foi o sol que mudou minha cor. Meus irmãos irritaram-se comigo e me puseram de guardiã das vinhas, mas a minha própria vinha não guardei. 7 Mostra-me, ó amor de minha alma, onde pastoreias, onde repousas ao meio-dia, para que eu não comece a vaguear atrás dos rebanhos de teus companheiros. [...]

Ele: 9 A uma potranca das carruagens do Faraó eu te comparo, ó minha amada. 10 São belas as tuas faces entre os brincos e teu pescoço, rodeado de colares. 11 Faremos para ti brincos de ouro com filigranas de prata.

Ela: 12 Enquanto o rei estava no seu divã, meu nardo exalou o seu perfume. 13 Meu amado é para mim como um feixe de mirra que pousa entre meus seios. 14 Meu amado é para mim como um cacho de alfena das vinhas de Engadi.

Ele: 15 Como és bela, minha amada, como és bela, com teus olhos de pomba!

Ela: 16 Como és belo, meu amado, como és encantador! Nosso leito está florido, 17 de cedro são as vigas de nossas casas, de cipreste, o nosso teto.

Cântico dos cânticos é um livro bíblico situado no Antigo Testamento, cuja autoria é comumente atribuída a Salomão. Em todo o livro temos um diálogo entre o amado (um pastor) e a amada (Sulamita). Fizemos a distinção entre as falas a fim de facilitar o entendimento do diálogo.

Logo no primeiro capítulo, e único para nossa análise, temos a presença da voz da amada como alguém atuante no jogo amoroso. Seu corpo fala no primeiro versículo a respeito de seus desejos: “Que ele me beije com os beijos de sua boca”. E vai mais longe: deseja que o rei a introduza em seus aposentos. É clara a passagem no tocante ao desejo sexual feminino em um erotismo envolvente. Notemos a presença do toque físico como provocador da satisfação carnal da amada.

Em seguida, o amado demonstra corresponder a esse desejo. Um desejo eclodido pelos olhos, haja vista que seu discurso se relaciona primeiramente ao corpo da sua amada comparando-a a “uma potranca das carruagens de Faraó”. A comparação, hoje inusitada, nos leva a observar que ele a compara com aquilo que vivencia e reconhece grande valor. Provavelmente está comparando à robustez do animal. Por outro lado, logo adiante fala dos adornos delicados com que pretende enfeitar sua amada: “Faremos para ti brincos de ouro com filigranas de prata”. Isso nos faz perceber o cuidado que o amado tem com a aparência da amada.

A amada, então, volta a manifestar seu apreço pelo jovem. Agora pelo olfato. Nos versículos 12 a 14, ela fala sobre o perfume exalado quando está descansando em seus seios. Notemos um clímax de erotismo neste trecho em que ela revela o toque físico mais ardente. Este clímax se completa nos versos 16 e 17, nos quais ela aponta os elementos da natureza para representar o leito do casal.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Manuel Bandeira

Ela – Quem me busca a esta hora tardia?

Ele – Alguém que treme de desejo.

Ela – Sou teu vale, zéfito, e aguardo

Teu hálito... A noite é tão fria!

Ele – Meu hálito não, meu bafejo,

Meu calor, meu túrgido dardo

Ela – Quando por mais assegurada

Contra os golpes de Amor me tinha

Eis que irrompes por mim deiscente...

Ele – Cântico! Púrpura! Alvorada!

Ela – Eis que me entras profundamente

Como um deus em sua morada!

Ele – Como a espada em sua bainha.

Manuel Bandeira, em um gesto explícito de intertextualidade, traz um poema com o título idêntico ao do texto bíblico. Aqui o movimento de sensualidade entre o amado e a amada também leva o leitor a perceber o desejo de ambos. Porém, há no intertexto certa agressividade nas palavras, o que não percebemos no texto original. Logo no início, quando a amada pergunta “Quem me busca a esta hora tardia?”, o amado demonstra intensidade naquilo que sente: “Alguém que treme de desejo”. Esses elementos acabam por dar um tom mais agressivo ao poema, completando com vocábulos como “bafejos”, “túrgido dardo”, “irrompes”, “entras profundamente”, “espada em sua bainha”.

Por outro lado, a agressividade se enlaça com a delicadeza da amada. Isso é possível de ser observado nos versos: “Quando por mais assegurada/Contra os golpes de Amor me tinha/Eis que irrompes por mim deiscente...”. O uso deste termo nos remete à morfologia vegetal, na qual o fruto deiscente é aquele que já amadurecido se abre para deixar cair suas sementes.

Ao contrário do texto bíblico, nota-se muito mais um desejo carnal do que um sentimento mais profundo. Além disso, o recorte feito pelo poeta é do ato sexual em si, não exatamente da preparação para sua realização.

Por fim, mas não menos importante, é interessante atentar-nos para a voz da amada. Apesar de começar com um aparente “pedido” dela em receber o amado, a voz feminina nos parece menos resoluta. Ela demonstra menos ativa que a amada do texto bíblico.

Manuel Bandeira, em um jogo de agressão X delicadeza, de expor e esconder faz desse poema quase uma paródia do seu intertexto, levando o leitor ao mesmo tempo reconhecer o texto bíblico no poético e diferenciar as construções de acordo com o contexto em que está inserido. Isso porque é possível reconhecer os elementos do Modernismo neste poema, a saber: a paródia, a intertextualidade, a ironia, os elementos do cotidiano.

A paródia e a intertextualidade se dão principalmente em relação às analogias presentes nos dois textos: enquanto no primeiro o corpo da amada é comparado à potranca do faraó e o cheiro do amado à mirra, no poema de Bandeira o ato sexual é comparado à espada entrando na bainha. Essa expressão nos leva a considerar novamente o contexto em que está inserido, levando em consideração os elementos do cotidiano, assemelhando-se novamente ao seu intertexto.

Conclusão

Cântico dos Cânticos é um dos mais belos livros da Sagrada Escritura, apresentado em forma de um poema lírico. Sua temática principal é o amor entre um homem e uma mulher. Podemos mesmo dizer que o livro é uma coletânea de poemas. Por muito tempo, e até hoje, muitos leem o Cântico dos Cânticos como texto alegórico, e não a partir do teor sensual, expresso explicitamente, na fala dos noivos. Tão belo e inspirador que trouxe muitos poetas posteriores a trazer o mesmo tema por meio da intertextualidade ora velada ora exposta.

Para este trabalho, nosso intuito é discutir a sensualidade corpórea feminina do texto bíblico em comparação ao seu intertexto escrito por Manuel Bandeira em meados do século XX. Podemos observar por meio desse entrecruzamento de informações, estilos e contexto que a sensualidade feminina está presente nos dois poemas, de forma a representar o desejo carnal feminino e masculino. Este desejo e admiração entre o casal é aguçado no primeiro caso pelos sentidos do tato, visão e olfato, enquanto no segundo o desejo está em um estágio avançado a ponto de o amado afirmar que está tremendo.

Ainda em comparação é possível perceber a presença de elementos do cotidiano em ambos os casos, reiterando a importância do contexto de produção dos textos e a necessidade de conhecer o mundo que envolve o seu escritor. No caso de Bandeira, há necessidade também de observar o seu estilo literário, haja vista que muito de suas ações neste poema estão em consonância com a escola literária a que pertence.

Referências

- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.
- BÍBLIA Sagrada. João F. Almeida atual. Disponível em: <<http://biblia.com.br/joao-ferreira-almeida-atualizada/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/sensualidade>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- IVO, Lêdo. *Teoria e Celebração*. Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1976.
- PLATÃO. *Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. 5a. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em A república dos sonhos* de Nélide Piñon. Maringá: EDUEM, 2003.